



Universidades Lusíada

Chaves, Mário João Alves, 1965-

O lugar

<http://hdl.handle.net/11067/4956>

Metadata

Issue Date 2001

Abstract Aristóteles assinalou que um lugar [sítio conferido de intensão] é sempre de algo ou de alguém. Heidegger enunciou o lugar como a capacidade de concepção e reconhecimento de um espaço, uma vez que o homem é o ser do seu Mundo. O Lugar afecta-se ao Locus e contraria-se ao Situs, do lugar geométrico sistémico e conferido de intencionalidade fenomenológica, ao sítio do destino e do primevo. Um lugar entende-se e assume-se como agente aglutinador de acções num contexto público e plural....

Type bookPart

This page was automatically generated in 2020-03-05T07:29:48Z with information provided by the Repository



O LUGAR

MÁRIO CHAVES

'Não se pode ser arquitecto de um mundo, sem ser o mesmo tempo o seu creador.'

Kant

Aristóteles assinalou que um lugar [sítio conferido de intensão] é sempre de algo ou de alguém. Heidegger enunciou o lugar como a capacidade de concepção e reconhecimento de um espaço, uma vez que o homem é o ser do seu Mundo.

O Lugar afecta-se ao *Locus* e contraria-se ao *Situs*, do lugar geométrico sistémico e conferido de intencionalidade fenomenológica, ao sítio do destino e do primevo. Um lugar entende-se e assume-se como agente aglutinador de acções num contexto público e plural.

O seu sentido prende-se com a legitimidade da sua origem enquanto criação consciente e objectiva, o seu reconhecimento advém do grau de alcance dos seus pressupostos básicos e a sua assimilação num determinado contexto deriva da sua capacidade de convergência linguística e simbólica, bem como da actualidade da mensagem.

Na lógica do Lugar Aristotélico, o espaço não existe sem corpos que o definam, sendo que na sua extensão infinita, a do mundo, entenda em potência a possibilidade de dividir / reconhecer *ad infinitum* a sua realização ideal, pelo que um espaço de vazio absoluto é inútil, ambíguo e irreconhecível.

O lugar está em lugar algum, não como uma coisa que está num lugar, antes como o limite está para o que o limita, sendo a correlação entre o que contem e o que é contido. O lugar identifica-se com a noção do contacto como limite de dois corpos em afinidade, determinando-se o equilíbrio, variável e cada vez mais difuso, como noção de medida e relacionamento da escala humana com o espaço-tempo.

A lógica de lugar de Platão, assume a existência da terceira natureza do espaço, que é eterna, que é apercebida por todos os sentidos e sempre pelo movimento, não admite destruição, e que na ausência do todo sentido, não é apreendida pela razão. Porque a imagem, já que a realidade com que está formada não lhe pertence, e sendo que não existe como espaço, é coisa distinta, porque a razão sustem que o espaço e a imagem, não podem ser iguais e distintas.

Hegel sustem que a inteligibilidade do lugar advém da *união do espaço e do tempo, em que o espaço se concretiza num instante ao mesmo tempo que o tempo se concretiza num aqui.*



O lugar só é espaço enquanto for tempo e só é tempo enquanto for espaço. Associa-se à noção única de *movimento* que é a ocorrência do tempo no espaço e do espaço no tempo, e, a *forma* que é a materialidade do espaço-tempo.

Por Hegel, o espaço e o tempo não podem existir separadamente, porque o espaço é a pura exterioridade em si mesmo, sendo que a negatividade do espaço é o tempo, porque é graças a este que se pode conceber o espaço, em prejuízo da imagem.

O lugar não é mais que uma ordem de coexistência entre o espaço e o tempo. Não somente as formas se distinguem graças ao espaço e ao tempo, mas eles próprios nos ajudam a discernir um espaço-tempo próprio.

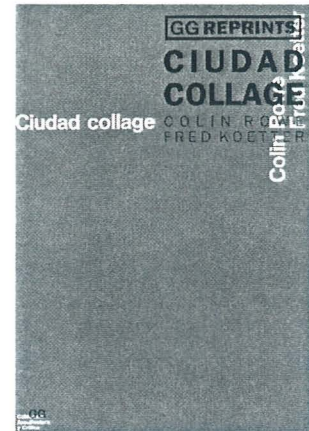
Leibniz

Da ordem do lugar como limite de Aristóteles, à ordem de coexistência de Leibniz, e assumindo-se o *mínimo esquema-ideia para recordar* o lugar de Descartes, alcança-se o lugar semiológico moderno da intuição de Bachelard, e a antropologia de Augé, onde a lógica do lugar sofre os embates da teoria da relatividade e das correntes fenomenológicas do cepticismo agressivo, intimidatório e depreciativo da sociedade industrial. Pelo que a filosofia do lugar inflectiu-se significativamente a partir do debate da desconstrução e do significado hermenéutico da Arquitectura em desfavor do seu significado heurístico.

A constituição e assunção actual do não lugar como momento vazio, objectivamente real e repetível com independência do modo social estrito, é uma síntese formal entre as alienações sociofísicas, onde a noção do lugar se distor-se das manifestações morfológicas do sítio conferido de intensão, mas abandonado da forma-útil em favor da forma-função. O não lugar resulta da incompreensão da mínesis grega, pelo conhecimento ingénuo do espaço morfológico e da mutabilidade das instituições.

O discurso arquitectónico urbano também cria *void's*, vazios onde não se reconhecem intenções ou ideias ou ideais, ainda que derivem de uma conjuntura global e intencional. Não consiste na falha das ideias, não conceptualizadas ou deficientemente formalizadas, mas antes, única e exclusivamente não utilitárias. Espaços intersticiais, vivenciáveis, utilizáveis, mas reconhecíveis como uma linguagem muda, o seu carácter sobranter e descartável é assimilado como uma consequência da modernidade e da velocidade de vida contemporânea.

A ideia de progresso que permitiu a evolução do *homo faber* ao *homo economicus* enunciou que poderia pelo novo espírito científico fabricar tudo, incluindo o espaço. O princípio de vizinhança que permitiu a evolução da *polis* à *urbe* e que está na base da noção de distância da escala humana, secumbiu ao efeito geométrico da realidade da eliminação da distância física e comunicacional, onde as opções de transformação de sítio em lugar, se corroeram pela incapacidade de reconhecimento da



intenção, utilidade e ideia, ante a vastidão do território. O não lugar é a incompreensão da produção maciça do espaço disponível para além das transformações morfológicas da funcionalidade. A lógica do não lugar, é a do vazio histórico na relação espaço-tempo-forma-movimento.

A lógica do lugar expressa a sua própria estrutura de dialética entre razão e memória, pelo que a lógica de reconhecer lugares sempre comportou um equilíbrio entre experiência e realização. O lugar, como limite de formalização, é mais que nunca uma acção / reacção entre razão e história, em que o tempo é depositado no espaço. De outro modo não existe lugar-neutro-terra de ninguém e absoluto vazio, antes existe um progressivo esvaziar do equilíbrio possível entre o tempo-espaço. O aumento da mobilidade clausurada numa impossibilidade de reconhecimento da vizinhança, esvaziou o cidadão da sua cidadania e remete-o para os limites da noção sociofísica do seu lugar, o seu ignorado e absurdo não lugar.

O arquitecto possui a missão actuante de responsável credível e materializador do lugar, tornando-o revelado aos sentidos e razão da sociedade, e, tendo esse lugar uma pré-existência em potência, do sítio do destino e do não lugar do abandono.